O GLOBO
Publicado em 22/09/2024 - 05:57

Tecnologia no agro gera três safras por ano, Brasil pode até dobrar produção rural

DIVULGAÇÃO

Mais produção. Plantação de feijão em Capão Bonito, interior de SP, alternada com soja, trigo ou sorgo

TRÊS SAFRAS POR ANO

Agricultura inova, aumenta produtividade e pode dobrar colheita

JOÃO SORIMA NETO*
joao.sorima@oglobo.com.br
SÃO JOSÉ DO RIO CLARO, MATO GROSSO

Pode ser soja, milho e algodão. Ou soja, feijão e trigo. Em algumas fazendas, planta-se primeiro soja, depois o milho e por fim capim para engordar o gado — o que os agricultores chamam de "boi safrinha". O avanço da tecnologia no campo, com melhoramento genético de sementes, irrigação e uso do plantio direto (técnica em que o solo é pouco revolvido) está colocando o Brasil numa posição única no mundo: a colheita de três safras por ano numa mesma área, tendência que ganha cada vez mais espaço no país.

O uso do solo durante todo o ano, sem interrupções, é uma vantagem competitiva em relação a nações do Hemisfério Norte, onde o inverno rigoroso interrompe esse ciclo. Com o avanço das três safras, aliada à recuperação de pastos degradados, os especialistas avaliam que o Brasil tem potencial para dobrar sua produção agrícola sem desmatar novas áreas.

— A tecnologia para a produção de três safras já está dominada. Essa é uma vantagem do Brasil em relação aos países onde há neve. Nossa capacidade produtiva é assombrosamente mais elevada por conta da possibilidade de usar o solo o ano todo — diz Roberta Carnevalli, chefe de pesquisa da Embrapa Soja.

Essa rotação de culturas depende das características de cada região do país, como intensidade da chuva, luminosidade e temperatura. Como variam em cada lugar, há mais possibilidade de diversificar a produção. No Sul, a terceira safra pode ser de trigo, aveia ou até cevada.

A família do agricultor Emilio Kenji Okamura está há mais de quatro décadas produzindo na região de Capão Bonito, a 243 quilômetros da capital paulista. Com sementes que têm ciclo mais curto de produção, ele tem conseguido fazer até três safras em um ano numa área de 300 hectares com soja, feijão e trigo ou sorgo na terceira safra. O feijão, que normalmente leva 120 dias para ser colhido, nesse caso leva 90:

— O plantio da próxima cultura acontece simultaneamente ao da colheita da anterior. Com melhoramento genético, temos ciclos mais precoces, e a irrigação é importante para os períodos mais secos.

FOCO EM IRRIGAÇÃO

O engenheiro agrônomo Nelio Uemura, do departamento técnico da Cooperativa Agrícola de Capão Bonito (CACB), conta que a quase totalidade dos cem agricultores nos cerca de 3 mil hectares de feijão plantados na região consegue colher três safras num ano. Os que ainda não estão nesse patamar obtêm cinco colheitas em dois anos. O feijão é plantado em agosto e colhido no início de novembro. A soja vem em seguida, colhida até março, e o trigo é plantado em abril. Este ano, com o inverno mais quente, Uemura conta que houve mais pragas, como a mosca branca, que ataca feijão e soja. Por isso, os produtores plantaram milho após a colheita do feijão:

— Temos tido boa produtividade, com algo entre 55 a 60 sacas por hectare, quando a média brasileira é de cerca de 53 sacas.

Roberta, da Embrapa Soja, observa que a terceira safra de grãos normalmente acontece em período mais seco, por isso é necessária a irrigação — o que demanda investimento maior. Em Pernambuco e Roraima, por exemplo, tem sido produzido milho na terceira safra com irrigação.

O custo de irrigar um hectare é estimado em cerca de R$ 3 mil, e nem sempre há água disponível. Essa é uma das barreiras para colher a terceira safra em época de seca. Por isso, em algumas regiões, a terceira safra é de capim, comumente braquiária, que forma pastagens e alimenta o gado.

Em Campo Verde, no Mato Grosso, a Bom Futuro, empresa agrícola com 36 fazendas produtoras no estado e que atua nos setores de pecuária, sementes e energia, entre outros, colhe três safras em 700 hectares irrigados. Dependendo do ano, planta-se soja, milho e algodão, ou soja, algodão e milho. A produtividade é elevada com 80 sacas de soja por hectares nas áreas com irrigação, diz Nahzir Oke Junior, gerente administrativo de parcerias agrícolas da Bom Futuro.

Já na cidade de São José do Rio Claro, também em Mato Grosso, a fazenda Agromar, da Bom Futuro, faz a integração lavoura/pecuária, que permite o cultivo de grão e de pastagem em uma mesma área. A cultura da soja é seguida do milho e, na terceira safra, vêm as plantas forrageiras, que garantem alimento para os animais, especialmente para o gado de corte. O produtor reduz os custos operacionais, aumenta a fertilidade do solo e acelera a recuperação de áreas degradadas — além de melhorar sua rentabilidade com o gado, vendido para grandes frigoríficos como JBS e Marfrig.

— Produzimos mais na mesma área. É um sistema mais sustentável. A pastagem melhora a fertilidade e a permeabilidade do solo para soja, evita erosão e aumenta a rentabilidade, já que o gado engorda um quilo por dia quando se alimenta nesse pasto — explica Nahzir Okde, lembrando que os 320 mil hectares da Bom Futuro, 42 mil já usam o sistema integração.

90
dias é o tempo que leva para colher feijão
Agricultores usam sementes que têm ciclo mais curto de produção para terem mais safras

160
milhões de hectares de pastagens
Quase metade desse território apresenta algum nível de degradação

LAVOURA E PECUÁRIA JUNTAS

Para o pesquisador do Insper Agro Global, Leandro Giglio, a intensificação da produção pecuária com redução do tempo de abate, a adoção de processos de integração lavoura/pecuária, a intensificação das safras (elevando de duas para três colheitas) e a recuperação de pastagens degradadas vão permitir que o Brasil tenha potencial de dobrar sua produção sem avançar sobre áreas nativas nos próximos anos.

— Temos 160 milhões de hectares de pastos e mais da metade desse total com algum nível de degradação. As áreas de pastagens degradadas chegam a ser quase equivalentes ao total de área ocupada no Brasil com agricultura e silvicultura. Isso mostra que temos potencial para mais do que dobrar a produção — diz Giglio.

Um estudo do Observatório de Conhecimento e Inovação em Bioeconomia da Fundação Getulio Vargas (FGV) revelou que para recuperar e reformar todas as áreas de pastagem que apresentam algum nível de degradação seriam necessários R$ 383,7 bilhões.

Uma das maiores propriedades do país, com cerca de 150 mil hectares, a Fazenda Roncador, em Querência, no Mato Grosso, vem praticando a agricultura regenerativa, com integração de lavoura e pecuária, que ocupa quase 80% da área. Plantam soja, milho e capim.

O CEO da Roncador, Pelerson Dalla Vecchia, lembra que a melhoria genética das sementes produz variedades mais resistentes, que enfrentam as condições climáticas atuais.

Na cultura do que ele chama de "soja inteligente" é usado o controle biológico de pragas, reduzindo largamente a aplicação de produtos químicos. A Roncador desenvolveu uma forma de fortalecer e rejuvenescer o solo através da mineralização, em que pó de rocha é misturado à terra. São técnicas que ajudam a mitigar os efeitos climáticos do calor extremo e da falta de chuvas, de maneira sustentável:

— A pastagem melhora a resiliência do solo, mantém a umidade e a temperatura mais baixa. E garante três meses de comida para o gado na seca.

**O repórter viajou a convite da JBS*

Q

"A tecnologia para a produção de três safras já está dominada. É uma vantagem do Brasil em relação aos países onde há neve. Nossa capacidade produtiva é assombrosamente mais elevada por conta da possibilidade de usar o solo o ano todo"

Roberta Carnevalliome, chefe de pesquisa da Embrapa Soja

"A pastagem melhora a fertilidade e a permeabilidade do solo para soja, evita erosão e aumenta a rentabilidade, já que o gado engorda um quilo por dia quando se alimenta nesse pasto"

Nahzir Okdeome, gerente administrativo de parcerias agrícolas da fazenda Bom Futuro

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Pagina:** 21

Copyright © Clipclap 2025.